VII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO
A inovação e o desafio do projeto na sociedade: A qualidade como alvo
Londrina, 17 a 19 de Novembro de 2021

SUPERANDO OS LUGARES DE TÉDIO: O CASO DO MUSEU OSCAR NIEMEYER

OVERCOMING PLACES OF BOREDOM: THE CASE OF THE OSCAR NIEMEYER MUSEUM

CHAGAS DE SOUZA, Thallita (1); PINA, Silvia A. Mikami G. (2)

(1) Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e-mail: thallita.chagas@gmail.com

(2) Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e-mail: smikami@fec.unicamp.br

RESUMO

Esse estudo apresenta a transformação de um edifício público, o atual museu Oscar Niemeyer em Curitiba, no período de 1978 até hoje. A análise se posiciona no campo transdisciplinar entre arquitetura e neurociência, dentro de uma abordagem psico-geográfica e humanizadora. Até 2001, nesse edifício operavam atividades burocráticas e ele podia ser lido como um lugar de tédio, quando então foi transformado e o edifício reabilitado no seu uso se converteu num marco urbano significativo. Hoje, o lugar envolve e atrai as pessoas que estão em seu meio e entorno próximo e é acolhido pela comunidade. O estudo de caso confirma a possibilitação de reversão, permitindo que uma obra esquecida pela sociedade seja incorporada e valorizada por ela. Entende-se que essa investigação pode estimular o projeto para além de novas construções, mas também a valorizar a reabilitação de edifícios já construídos, onde por vezes são problemáticos para a cidade. Os resultados da análise apontam que tais reabilitações devem direcionar-se para um olhar holístico, crítico e humanizador como estratégias de qualidade vinculada à lógica da urbanização sustentável.

Palavras-chave: *Neurociência; Reabilitação de edifício público; Humanização; Curitiba.*

ABSTRACT

This study presents the transformation of a public building, the current Oscar Niemeyer Museum in Curitiba, from 1978 until today. The analysis is positioned in the transdisciplinary field between architecture and neuroscience, within a psycho-geographic and humanizing approach. Until 2001, bureaucratic activities operated in this building, and it could be read as a place of boredom, when it was transformed, and the building rehabilitated in its use became a significant urban landmark. Today, the place involves and attracts people who are in its midst and close surroundings and is welcomed by the community. The case study confirms the reversal possibility, allowing a work forgotten by society to be incorporated by it. It is understood that this investigation can stimulate the project beyond new constructions,

---

[1] CHAGAS DE SOUZA, Thallita; PINA, Silvia A. Mikami G. Superando os lugares de tédio: o caso do museu Oscar Niemeyer. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO, 7., 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: PPU/UEL/UEM, 2021. p.1-10. DOI https: //doi.org/10.29327/sbqp2021.438171

but also to value the rehabilitation of buildings already built, where they are sometimes problematic for the city. The results of the analysis indicate that such rehabilitations should be directed towards a holistic, critical, and humanizing perspective such as quality strategies linked to the logic of sustainable urbanization.

***Keywords**: Neuroscience; Rehabilitation of public building; Humanization, Curitiba.*

1 INTRODUÇÃO

A complexidade dos problemas urbanos acoplados aos desafios ambientais tem requerido soluções com abordagens sistêmicas, transdisciplinares e multisetoriais. Mais do que nunca, a construção da cidade deve buscar reabilitar lugares e edifícios existentes e pouco aproveitados e não mais a sua demolição para dar espaço a novas construções, evitando a geração de resíduos, desperdício, dentre outros aspectos contrários à urbanização sustentável. Para isso, um novo esforço deve ser realizado no sentido de reconectar os seres humanos a tais lugares e edificações. O objetivo deste estudo é identificar os aspectos da transformação de um edifício público, o atual museu Oscar Niemeyer, em Curitiba – PR, conhecido anteriormente como Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, no período de 1978 até hoje. A análise se posiciona no campo transdisciplinar entre a arquitetura e a neurociência cognitiva, dentro de uma abordagem psicogeográfica. O estudo de caso realizado confirma a possibilidade de sucesso da reversão, permitindo que uma obra esquecida pela sociedade seja incorporada e valorizada por ela, na medida que sejam incorporados os aspectos humanizadores e críticos numa lógica ampla e integradora.

2 UM NOVO ESFORÇO PARA RECONEGASCTAR LUGARES: neurociência cognitiva

Uma base neurológica associada ao domínio da arquitetura tem sido estabelecida colaborando para o aprimoramento da análise de como os lugares e as edificações influenciam pensamentos e sentimentos dos usuários (SALINGAROS e MASDEN, 2008; DOUGHERTY e ARBIB, 2013; ELLARD, 2016). A interação das neurociências cognitivas com arquitetura proporciona um vasto potencial para aprimorar a qualidade dos ambientes; uma vez que, além da função de abrigar corpos e atividades, eles também precisam abrigar as mentes, memórias, desejos e sonhos, em prol da homeostase (PALLASMAA, 2013, TOMÉ, 2014). As imagens mentais são mapas momentâneos que o cérebro cria de todas as coisas dentro ou fora do corpo, como respostas da interação entre o corpo e ambiente (DAMÁSIO, 2004). São diversos os estudos e abordagens que analisam os impactos psicológicos dos espaços nos usuários. A abordagem psicogeográfica busca compreender o efeito psicológico do desenho urbano e sua influência na percepção dos usuários (ELLARD, 2016). A maior ou menor interação entre as pessoas e o meio que as envolve está associada às características e espacialidades dos lugares. Assim, para Ellard (2016), uma fachada monótona pode expor as pessoas a experimentar um estado de tédio ao caminhar por calçadas com pouca frequência de informação.

2.1 Espaços de tédio e a reabilitação como resposta

O conceito de lugares entediantes derivou de uma pesquisa de campo realizada por Ellard com seus estudantes na cidade de Nova York, na intenção de entender como os lugares monótonos influenciam o estado psicológico do pedestre. Por meio de questionário e do uso de pulseiras que pela condutância da pele medem o nível de excitação, estado de alerta, disposição de agir e estado de atenção ou

reação à ameaças, avaliou a reação diante de extensa e monótona sede da rede de supermercados *Whole Food Market* no distrito de Bowery (Figura 1) por um grupo de estudantes e outro numa região próxima repleta de pequenos comércios e restaurantes. Os resultados obtidos do estado emocional foram o oposto de feliz, com termos como o insípido, monótono e sem paixão para descrever o local e o estado de excitação, medido pelas pulseiras, se reduzia à valores próximos de zero quando no entorno do Whole Market, ali as pessoas estavam infelizes e entediadas (ELLARD, 2016), opostamente aos resultados do segundo grupo. A experiência mostrou que pessoas se mostram mais propensas a desfrutar de caminhos com fachadas abertas e ativas, que influenciam positivamente, enquanto fachadas monótonas influenciam negativamente, levando as pessoas ao estado de tédio.

Figura 1 – Fachada do Whole Food Market, na 95 E, Houston St. NY, EUA



Fonte: Google Street View

Da mesma forma, um edifício descontextualizado de seu entorno gera prejuízos que vão além de ruas infelizes cheias de pedestres desmotivados. Além do tédio, outros sentimentos como persistentes estados de nervosismo ou dos hormônios associados ao estresse podem acompanhar e impulsionar as pessoas a adotar condutas de risco. Olhar para o conjunto de edificações construídas e avaliar como estão influenciando a população das cidades se faz importante. Da mesma forma, reabilitá-los e não demoli-los vai de encontro ao conceito de cidades mais sustentáveis, também sintonizados com a Carta de Lisboa de reabilitação integrada[1]. Nela, a Reabilitação Integrada constitui um contributo inovador para a preservação e vivificação do patrimônio cultural das cidades, na vertente do edificado como do tecido social, que o habita e lhe assegura identidade. São vários os exemplos de êxito na reabilitação de grandes edifícios, como o prêmio Pritzker laureado em 2021 para o escritório francês Lacaton & Vassal que tem o lema de nunca demolir, com referências projetuais relevantes em seu portfólio, como o Palais de Tokyo, em Paris. Outros expoentes arquitetônicos que foram frutos de uma reabilitação de lugares confirmam esse êxito, como as ruínas do século 19 na capela Brennand, em Recife, antiga central elétrica em Londres que hoje recebe a galeria Tate Modern até regiões que extrapolam a escala do edifício e são inteiramente reabilitadas como o caso do 798 ART District em Pequim, uma antiga área fabril dos anos 1950 que por um período recebeu apenas lojas de produtos eletrônicos e hoje, após um esforço da comunidade para não demolir os edifícios da região, recebe grande parte de lojas e estúdios de arte dessa

[1] 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, outubro de 1995.

metrópole. Acima de tudo, a reabilitação necessita considerar os aspectos humanizadores como estratégias de qualidade (ALEXANDER, 1980; PINA e BARROS, 2009). Nesse sentido, o estudo apresenta o caso do Edifício Presidente Alencar Humberto Castello Branco, que hoje integra o complexo cultural Museu Oscar Niemeyer, localizado na Cidade de Curitiba. Até 2001, nesse edifício operavam atividades burocráticas e ele podia ser lido como um lugar de tédio, quando então foi transformado e o edifício reabilitado no seu uso se converteu num marco urbano significativo, por iniciativa do então governador do Paraná, Jaime Lerner, que entendeu que aquele edifício com caráter burocrático e esquecido pela população poderia, com uma readequação da arquitetura e uso, se contextualizar melhor com o entorno e com a sociedade.

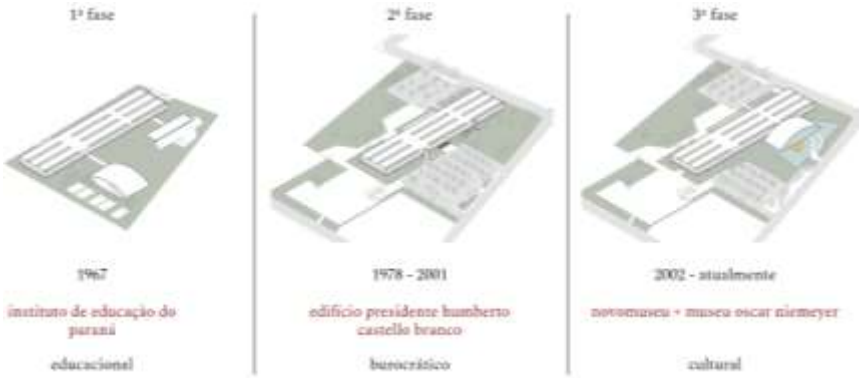
3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho seguiu o delineamento de estudo de caso, visando identificar os aspectos relevantes da transformação de um edifício identificado como lugar de tédio em um lugar significativo e valorizado na cidade. O procedimento metodológico, seguindo critérios de seleção, identificou a obra do complexo cultural hoje conhecido como Museu Oscar Niemeyer, MON, localizado em Curitiba. Para a análise foi realizada uma pesquisa documental, bibliográfica, levantamento e seleção de depoimentos publicados e de material iconográfico, com apoio do desenvolvimento de infográficos.

4 DO TÉDIO À VITALIDADE: resultados e discussões

A história do espaço que hoje recebe o Museu Oscar Niemeyer é marcada por três fases bem definidas, conforme Figura 2. A primeira, fase das ideias ou fase do projeto, contempla o período de concepção do empreendimento, quando Oscar Niemeyer projetou um conjunto de três edifícios para o Instituto de Educação do Paraná, IEP. A segunda fase é definida pelo caráter burocrático que ali se instalou por mais de vinte anos, o complexo educacional elaborado por Niemeyer teve apenas seu edifício principal construído, foi inaugurado em 1978 para receber Secretarias do Estado e assim foi ocupado até o início dos anos 2000, período em que se fortalece a intenção de dar um caráter cultural ao espaço. A terceira fase, desde a inauguração do complexo cultural, em 2001, então chamado de NovoMuseu, até o período atual. Nessa última fase, o edifício passou a ser reconhecido pela comunidade como um marco na cidade e mostra-se capaz de ativar e articular o entorno num contexto sem esse tipo de precedentes.

Figura 2 – As três fases do espaço



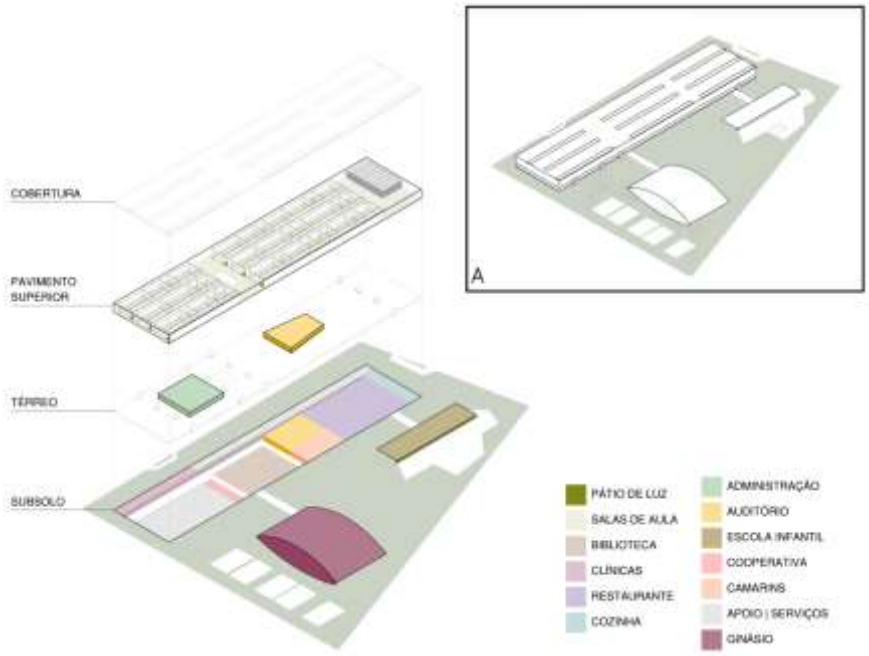
Fonte: As autoras

4.1 A primeira fase - concepção e diretrizes para um novo lugar.

O Edifício Castello Branco foi projetado em 1967 pelo arquiteto Oscar Niemeyer, período histórico marcado pelo início da ditadura militar, autoritarismo, censura e tortura por parte do Estado. Embora Niemeyer não estivesse vinculado ao grupo paulista da arquitetura brutalista, o edifício principal projetado para receber o IEP possui fortes vínculos com essa arquitetura pelas suas características construtivas (ZEIN, 2002).

O projeto original para o IEP tratava de três edifícios (Figura 3, detalhe): um ginásio, um volume para escola maternal e educação infantil, ambos semienterrados, além do monolítico edifício principal, único a ser executado. Para a concepção do projeto Niemeyer avaliou que o programa solicitado era demasiado amplo para a área do terreno, para evitar que o terreno fosse excessivamente ocupado pelas construções optou por projetar o edifício principal com um compacto e largo monobloco, apoiado sobre pilotis (NIEMEYER, 1967).

Figura 3 – Diagrama esquemático de implantação do IEP (detalhe) e diagrama esquemático com setorização do programa para o IEP



Fonte: As autoras

O volume suspenso, sobre pilotis, é uma caixa conformada por empenas cegas, aberturas zenitais projetadas sobre jardins para ventilar e iluminar o grande monolito, conforme manuscritos do arquiteto ao relatar a principal característica da obra. Para Niemeyer, a comunicação entre ambiente interno e externo por meio de zenitais protegeria os alunos em sala de aula de possíveis perturbações provindas da movimentação no entorno (NIEMEYER, 1967).

O arquiteto projetou a edificação para que o seu interior fosse o mais flexível possível, no pavimento superior junto aos jardins de luz, propôs o uso de quatro vigas longitudinais, vigas-paredes, que dividem o grande volume monolítico em três longas áreas. A fim de garantir a flexibilidade do espaço, seriam utilizadas divisórias removíveis para essa subdivisão. Neste pavimento estariam as salas de aula. As grandes vigas-paredes deveriam ser utilizadas para vencer balanços de 20 metros nas extremidades e vãos entre pilotis de até 100 metros. Um subsolo semienterrado

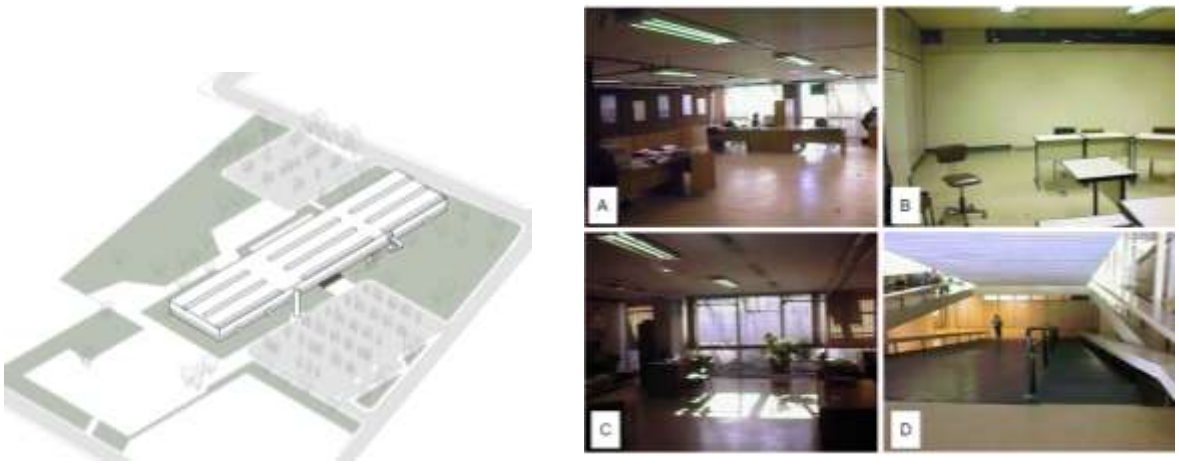
foi projetado para abrigar os serviços, biblioteca, anfiteatro, refeitório, entre outros programas complementares como vestiário, clínicas médicas e odontológicas e até uma cooperativa. No térreo livre com pilotis seria edificado apenas o volume da administração e um volume para o anfiteatro (NIEMEYER, 1967).

4.2 A segunda fase - um local burocrático

Em 1978, apenas o edifício principal do projeto para o complexo educacional foi executado e inaugurado, pelo então governador Jayme Canet Junior, ARENA, para abrigar as secretarias de Estado. Como o governador mantinha boas relações com o governo ditatorial vigente na época, denominou o novo empreendimento como Edifício Presidente Humberto de Alencar Castello Branco. O volume superior, monolítico e com empenas cegas, possui dimensões de 205 por 45 metros e está apoiado em 24 pilares, porém, diferente do projeto original, a obra conta com vãos de 65 metros e não os 100 metros pretendidos. Com essa configuração, a obra se implantou na paisagem como um extenso, monótono e burocrático edifício branco.

A área destinada ao setor esportivo do complexo educacional foi ocupada por um grande estacionamento e a área onde estaria situada a escola infantil deu lugar a um vasto gramado (figura 4a). Ao caminhar nas calçadas do entorno, o pedestre estava afastado do edifício e para acessá-lo era necessário contornar os grandes estacionamentos cuja paisagem gerava um efeito deprimente no entorno, criando lugares desagradáveis e desumanizados (ALEXANDER,1980, p. 454). Enquanto espaço burocrático, a edificação estava longe de chamar a atenção da população.

Figura 4 – Diagrama esquemático de implantação (a) e registros de uso (b): A) sala com pátio de iluminação; B) sala localizada no subsolo; C) Sala com pátio de iluminação; D) rampa entre térreo e subsolo



(a) (b)

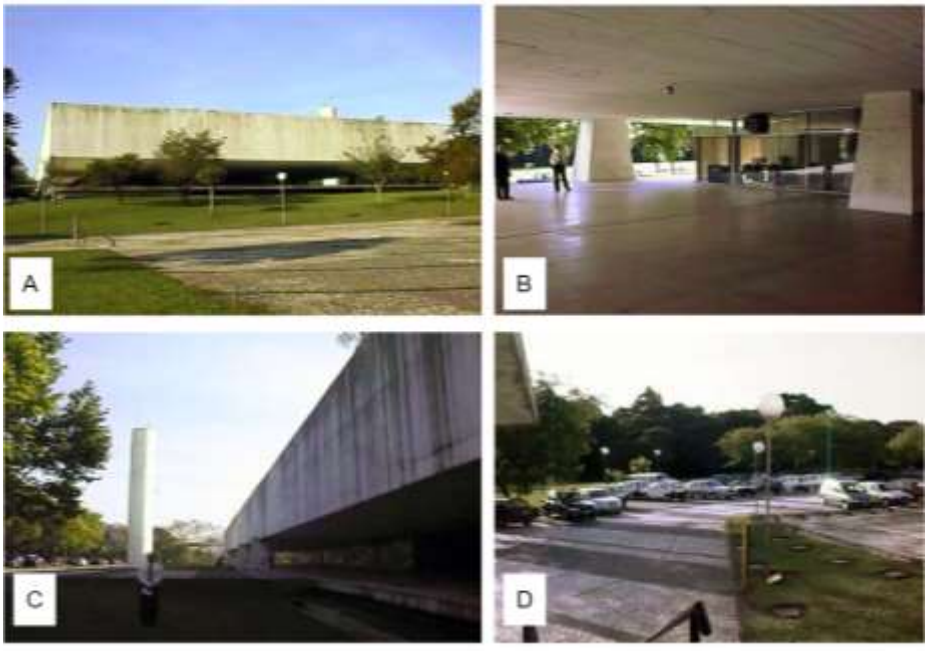
Fonte: As autoras e Imagens cedidas pelo Museu Oscar Niemeyer

Por mais de vinte anos o edifício recebeu de maneira improvisada as Secretarias de Estado (Figura 4b), onde os espaços de trabalho eram insalubres (FREIRE, 2015) e alvo de reclamações dos funcionários, com relato de infiltrações e espaços mal distribuídos (RUPP, 2012). Por tais motivos, parte dos funcionários recebiam um valor referente à insalubridade do ambiente (VAZ, 2011).

As imagens e relatos identificados, expõem essa segunda fase do edifício como de poucos vínculos com a população em geral, revelando-se como ilhado, desconectado do entorno urbano (figura 5). O edifício, originalmente projetado para escola, não recebeu bem as atividades burocráticas. De modo improvisado, os espaços internos foram subdivididos com frágeis divisórias temporárias, a iluminação zenital não era suficiente para as atividades que o espaço recebia e o alto consumo de energia do local era matéria constante nos jornais locais. VAZ (2011) cita que as áreas do subsolo eram demasiadamente úmidas.

Edificações desconectadas do entorno podem gerar uma população de pessoas com níveis epidêmicos de tédio (ELLARD, 2016). Pode-se entender que a experiência dos pedestres caminhando pelas calçadas circundantes ao Castello Branco gerava sentimentos semelhantes àqueles que o grupo de estudantes de Ellard vivenciou no estudo feito em Nova York. O monolítico Castello Branco era um edifício que pouco ou nada comunicava, conforme a Teoria da Informação, apesar dos duzentos metros de um monótono edifício branco distante da calçada e praticamente desprovido de aberturas. Nessas situações o sistema nervoso do pedestre não recebe nenhuma informação relevante, nem sente nenhuma excitação. Estas construções não funcionam no nível psicológico porque o ser humano está predisposto biologicamente a desejar estar em espaços com certa complexidade, espaços que transmitam alguma mensagem (ELLARD, 2016). Faltava a presença de elementos que se destacassem na mensagem, ou seja, que não fossem tão frequentes e que pudessem quebrar a monotonia, gerando surpresa por proporcionar mais informação, além da mensagem corriqueira.

Figura 5: Registros do edifício antes da reforma: A) vista face sul; B) pavimento térreo C) fachada leste; D) carros estacionados nas calçadas desenhadas por Roberto Burle Marx



Fonte: Imagens cedidas pelo Museu Oscar Niemeyer

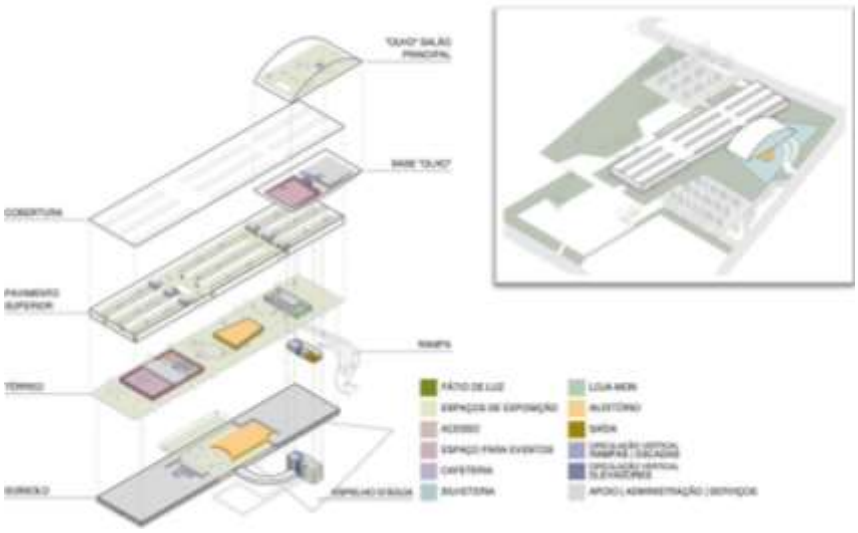
4.3 Terceira fase - nasce um novo lugar

As funções burocráticas afastaram a comunidade da edificação, esquecida em

meio a cidade até o início dos anos 2000, quando iniciaram as negociações para a transformação do espaço num museu de arte. Essa ideia partiu do arquiteto e urbanista Jaime Lerner, governador do Estado na época. O plano para o NovoMuseu, primeiro nome do complexo cultural, em Curitiba, concorreu com propostas de outras cidades brasileiras para a implementação de uma filial do Museu Guggenheim, mas a cidade do Rio de Janeiro foi a escolhida, mas nunca concretizada. Mesmo com a recusa da Fundação, Lerner e a classe artística não abandonaram o plano de criação do NovoMuseu e de "Transformar um espaço burocrático num espaço destinado a criatividade, identidade, arte, design, arquitetura e cidades era importante… E o museu está aí revelando a genialidade de Oscar Niemeyer..." (LERNER, 2011).

Para a reestruturação do espaço, Lerner e a equipe contactam Oscar Niemeyer, com 93 anos, que a fim de não esconder a arquitetura que ali existia, projetou um novo edifício em formato de olho (Figura 6- detalhe). A nova edificação está situada a dois metros acima da cobertura da antiga, solta no ar. Ali se implanta o salão principal de exposição do museu, que inicialmente também funcionava como um grande olho para a cidade, um mirante. Mas, os vidros foram escurecidos posteriormente para proteger as obras de uma exposição e essa função ficou prejudicada. Niemeyer cuidou do projeto para o "Olho" e delegou ao arquiteto Marcelo Ferraz (Brasil Arquitetura) a responsabilidade com o interior do antigo edifício. O arquiteto esteve presente para a inauguração do museu em 2002, seis meses após o início das obras. O programa cultural se adequou bem à estrutura existente, com o novo edifício convivendo de forma harmônica com o antigo. Na verdade, o novo potencializa as características do antigo, é dele que surge uma sinuosa e atrativa rampa que faz a conexão entre os edifícios e a calçada. O novo volume quebra a monotonia do Castello Branco, convida, articula e dá identidade.

Figura 6: Diagrama esquemático com setorização do programa do Museu Oscar Niemeyer e nova implantação (detalhe)



Fonte: As autoras

O subsolo do bloco existente recebeu o acervo, depósitos, serviços de apoio do museu, espaços educacionais, uma exposição em homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer e um pátio externo de esculturas que ocupa o lugar de um antigo depósito onde a laje foi retirada, auxiliando a ventilar e iluminar o pavimento. É por um túnel no subsolo que se estabelece a conexão interna entre o antigo bloco e o

novo. Na base do anexo, por meio de elevadores ou escadas, o usuário tem acesso ao salão principal, no "Olho". As inúmeras e antigas divisórias cor ocre foram removidas e no monolítico volume suspenso se estabeleceram nove salas de exposições, programa adequado para um ambiente com pouca iluminação natural. É pelo pavimento térreo do antigo bloco que o usuário compra os ingressos e acessa o interior do museu, onde estão um pequeno café, um espaço de eventos e um auditório, conforme. Com o novo programa, o térreo recupera o caráter de espaço público aberto potente, atraindo o público, que ali permanece. O térreo é mais que um espaço de exposição, é ocupado tanto pelas pessoas que estão no edifício em busca dos programas internos, quanto por aquelas que procuram um espaço de encontro, de lazer, descanso ou contemplação (Figura 7).

Figura 7: (a) Área externa do MON: intervenção temporária dos artistas Os Gêmeos, 2021 e (b) grupo de estudantes durante a intervenção



(a) (b)

Fonte: As autoras e Instagram (Eduardo Macarios)

Mesmo levemente elevado, o térreo se conecta com os espaços adjacentes a ele, como se o edifício se estendesse para os gramados (Figura 8), que também são espaços de permanência ou de eventos. Tais apropriações, parecem se estender para os comércios do entorno, inclusive um destes comércios leva o nome de Curitiba *Sunset* Café, uma vez que muitos usuários buscam esse espaço gastronômico para apreciar o pôr do sol, que acontece logo atrás do complexo cultural.

Figura 8: (a) Museu Oscar Niemeyer com instalação do artista Ai Weiwei, 2019 e (b) evento nos gramados do MON para animais de estimação, 2019



(a) (b)

Fonte: Max Pixel e website XVCuritiba

5 CONCLUSÕES

As cidades brasileiras estão repletas de edifícios e equipamentos públicos, os quais, devido às suas características arquitetônicas somadas aos usos muitas vezes burocráticos, acabam repelindo a comunidade. Alguns até guardam em si uma arquitetura de qualidade que por vezes o uso, a implantação ou alterações no projeto original faz com que estas obras se transformem em espécies de enclaves em meio ao tecido urbano. Por vinte anos, o Edifício Castello Branco recebeu de forma improvisada as Secretarias do Estado do Paraná, e durante esse período a experiência que os pedestres tinham ao caminhar pelas calçadas circundantes ao edifício era uma experiência que poderia causar sentimentos semelhantes aos vivenciados pelos alunos que se deslocaram ao *Whole Food Market* no estudo feito por Ellard, um lugar de tédio. Este trabalho também buscou evidenciar a importância de olhar para as obras já construídas e valorizá-las por meio de reabilitações ou transformações, antes da demolição e substituição. É necessário um olhar dentro de uma abordagem transdisciplinar e humanizadora para que sejam considerados os fundamentos da arquitetura e do usuário, sua percepção e sentimentos que estas obras podem provocar na comunidade. O envolvimento que hoje o MON mantém com os usuários por meio do seu espaço atual é inspiração para qualificar os espaços e edifícios públicos, vinculada à lógica de cidades mais sustentáveis e democráticas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, C. ISHIKAWA, S. SILVERSTEIN, M. **Un lenguaje de patrones**. Barcelona: GG, 1980.

DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DOUGHERTY, B. O. & ARBIB, M. A. The evolution of neuroscience for architecture: introducing the special issue**, *Intelligent Buildings International***, 5:sup1, 4-9, 2013 DOI: 10.1080/17508975.2013.818763

ELLARD, C. **Psicogeografía: La influencia de los lugares en la mente y el corazón**. Barcelona: Ariel, 2016.

FREIRE, R. Museu Oscar Niemeyer Arquitetura e Construção. Museu Oscar Niemeyer. Curitiba, 18 março 2015 (acervo do museu, não publicado).

LERNER, J. **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

NIEMEYER, O. Memorial do projeto para o Instituto de Educação do Paraná**. Fundação Oscar Niemeyer.** 1967. Disponível em: <http://www.niemeyer.org.br/obra/pro137>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PALLASMAA, J. Towards a neuroscience of architecture. In: TIDWELL, P. (ed.), **Architecture and Neuroscience**. Finlandia: Tapio Wirkkala – Rut Bryk Design Reader. p. 23−43, 2013.

PINA, S.A.M.G.; BARROS, R.R.M.P. A Humanização e a percepção de valor como estratégia de projeto para Habitação. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído SBQP 2009. **Anais.** São Carlos: EESC USP, nov. 2009. p.101-113 doi: 10.4237/sbqp.09.193

SALINGAROS, N. & MASDEN, K. Neuroscience, the Natural Environment, and Building Design In KELLERT, S.R; HEERWAGEN, J. & MADOR, M. (ed) **Biophilic Design: The Theory, Science and Practice of Bringing Buildings to Life**, John Wiley & Sons, 2008.

TOMÉ. P. M. C. J. L. O espaço arquitetônico e o cérebro: A produção do espaço de percepção**. Diss** (Mestrado). Faculdade de Arquitetura. Universidade do Porto. Porto. 2014.

VAZ, A. O Museu Oscar Niemeyer e seu público: Articulações entre o culto, o massivo e o popular**. Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

ZEIN, R.V., Brutalismo, escola paulista: entre o ser e o não ser, UFRGS, Porto Alegre, **Revista ArqTextos 2** – PROPAR-UFRS, 2002. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Ruth.pdf>. Acessso em 10 mai 2021.